

DIÁRIO DE VIAGEM

# JAÉN, LUCENA E CÓRDOBA: O TRIÂNGULO JUDAICO DA ANDALUZIA

---

Javier Carrión



CAMINHOS DE  
SEFARAD  
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

#DescubreSefarad

[WWW.REDJUDERIAS.ORG](http://WWW.REDJUDERIAS.ORG)



Javier Carrión

Javier Carrión - jornalista de viagens e um “todo-o-terreno” nesta profissão de ver, ouvir e contar histórias, sempre presente e endurecido em mil batalhas, assim é Javier Carrión. Poderoso contador de histórias e curioso batedor de lugares. Atualmente trabalha para os principais meios de comunicação de viagens, nos quais se destacam o ABC Viajar, Hola Viajes e a revista Viajar, e colabora na “La tarde” da COPE como perito em viagens. Editou mais de uma dúzia de livros guias de viagens e recebeu, entre outros, o Prémio de Turismo da República Checa 2011 pela melhor reportagem do ano “O relógio astronómico de Praga faz 600 anos” e o Prémio “Friend of Thailand 2010” pelo seu trabalho jornalístico sobre a Tailândia para a agência Europa Press, da qual foi editor-chefe durante 20 anos.

---

*Diário de Viagem. Jaén, Lucena e Córdoba: o triângulo judaico da Andaluzia.*

*Edita: Red de Juderías de España. Plaza de Maimónides, s/n. 14004 Córdoba (España), [www.redjuderias.org](http://www.redjuderias.org).*

*Todos os direitos reservados.*

## DIÁRIO DE VIAGEM

# JAÉN, LUCENA E CÓRDOBA: O TRIÂNGULO JUDAICO DA ANDALUZIA

---

Javier Carrión

Jaén, Lucena e Córdoba constituem uma proposta perfeita para explorar a pegada sefardita na Península Ibérica, pois foi na Andaluzia que a população judaica alcançou o seu maior poder e conviveu mais tempo com romanos, visigodos, muçulmanos e cristãos.



JAÉN



Jaén moura, Jaén cristã... E, sim, também Jaén judia. São necessários trezentos quilómetros e pouco mais de três horas de carro de Madrid para chegar ao coração desta velha cidade andaluza, visível de qualquer ponto pelo seu porta-estandarte, a grande Catedral desenhada pelo arquiteto Andrés de Vandelvira. O meu encontro com Eva María, a guia oficial de Jaén, está marcado na Plaza de la Constitución, ponto nevrálgico da cidade.

Uma curta caminhada é suficiente para chegar ao Museu Provincial, que alberga o maior tesouro da arte ibérica em Espanha, o tesouro de Porcuna, onde as lutas de guerreiros impressionam pelo seu grande realismo. Contudo, a minha atenção centra-se numa urna de cristal do edifício que protege dois objetos simples: o primeiro, um ponteiro (“yab”) com 10 centímetros de comprimento que servia, no século XIV, para a leitura da “Torá”, o texto sagrado dos primeiros cinco livros da Bíblia, que não pode ser tocado pelos fiéis; o segundo é um amuleto simples com dois orifícios com texto em hebraico e a imagem de um homem com barba.

É impressionante descobrir, pela mão da minha especialista, como a presença dos judeus em Jaén está documentada desde o ano 612, fortemente arabizada após a conquista muçulmana, de tal forma que não hesitaram em aliar-se a eles, ainda que a população hebraica residisse num bairro próprio.



*“Chegaram a atingir uma população de mais de 1.500 habitantes no século XIV e converteram-se na terceira cidade mais importante de Espanha depois de Toledo e Córdoba.”*



“Chegaram a ter uma população superior a 1.500 habitantes no século XIV e converteram-se na terceira cidade mais importante de Espanha depois de Toledo e Córdoba”, diz-me Eva ao passarmos por uma bela fonte com água e um restaurante aberto ao seu lado, o Pilar del Arrabalejo, o único na cidade que oferece comida sefardita e do qual me recomendam as suas requintadas tapas e o paté e a salada de perdiz.

É o momento de atravessar a Puerta de Baeza, a entrada do antigo bairro judaico e o lugar escolhido pelos seus moradores quando se iniciaram as perseguições no século XV. Nada resta dessa porta, apenas um desenho que nos ajuda a imaginar como era esta construção com a ajuda de um painel informativo, mas existe uma menorá gigante, o candelabro simbólico de sete braços habitual no culto, que serve de tributo aos judeus da diáspora sefardita. Foi inaugurado em 2004 - diz-me Eva - na presença de um rabino de Málaga e foi muito comovente “porque foi ouvida uma oração em hebraico, a primeira desde 1492”.

No meu caminho pela judiaria atravesso a capela de San Andrés, antiga sinagoga antes de se converter em igreja cristã, e no número 14 da rua com o mesmo nome entro na oficina-museu de Luis Barbero, um artesão de 77 anos de idade -que não cobra nenhuma entrada para mostrar a sua coleção de maquetes de madeira dos edifícios mais importantes da cidade-, e que se encontra a poucos metros da antiga sinagoga de Santa Cruz, documentada por um antigo litígio das monjas do Mosteiro de Santa Clara, localizado no mesmo local.

O meu olhar é atraído para o centro da praça, para um muro original mais elevado que o resto dos edifícios. Há uma estátua dedicada a Hasday Ibn Shaprut, médico, diplomata, escritor, tradutor, mecenas de poetas, filósofos, gramáticos, cientistas e, sobretudo, conselheiro do califa mais poderoso de Al-Na para a sua corte, como se se tratasse de um verdadeiro ministro dos Assuntos Externos do Califado, que o nomeou príncipe “nasir”, o chefe das comunidades judaicas de Al-Andaluz. Para o povo de Jaén ele é, muito simplesmente, o judeu mais ilustre da sua história.

Antes de deixar Jaén, impressionado pela sua ligação hebraica, não resisto a visitar a grandiosa Catedral, também com segredos hebraicos como, por exemplo, no seu impressionante coro e silharia de madeira, onde há cenas da Bíblia. E é curioso ver como também aqui existem pormenores hebraicos que não escapam à atenção dos estudiosos. Surpreende-me, por exemplo, ver nalgumas cenas dos assentos como Jesus Cristo está rodeado por judeus em vez de soldados romanos durante a sua crucificação, ou como os judeus convertidos eram identificados com um grande "X" no peito, séculos antes da perseguição dos judeus pelos nazis. Finalmente, antes de regressar ao meu hotel, o HO Ciudad de Jaén, despeço-me da cidade desde o Castelo de Santa Catalina, quando os últimos raios de sol iluminam a capital. Na sua grande Cruz, instalada no local onde Fernando III o Santo cravou a sua espada ao conquistar a praça muçulmana em 1246, aprecio ainda mais a beleza desta cidade rodeada de montanhas. Lucena aguarda, a pérola de Sefarad.





## LUCENA

É quarta-feira e é preciso madrugar, mas a estrada convida à viagem. Setenta e cinco minutos pelas entranhas da Rota do Califado, com as suas belas fortalezas muçulmanas, localizadas em penhascos e promontórios como em Luque e Zuheros, e um mar de oliveiras que fornece um dos melhores azeites andaluzes. Lucena surge no meio de um rico campo de oliveiras e vinhas, já em plena comarca da Subbética, no centro da Andaluzia, um lugar estratégico que foi escolhido pelos judeus para construir uma cidade-estado à qual chamaram “Eliossana” (“Deus nos salve”).

O meu encontro com Araceli, nome da santa padroeira de Lucena e da minha guia para esta longa jornada, é na necrópole judaica, situada na periferia do centro urbano junto à estrada de circunvalação da zona sul da cidade. Araceli diz-me que, graças à construção desta estrada em 2006, esta jazida judaica foi descoberta, a maior das escavadas na Europa, pois foram encontrados neste local afastado do centro histórico quase 400 túmulos, 216 dos quais continham importantes restos humanos do período andaluz medieval entre 1000 e 1050, o período de maior esplendor da Lucena judaica. Embora inicialmente existissem dúvidas quanto à sua origem, rapidamente se verificou que em todos os túmulos o ritual funerário utilizado era o enterro numa sepultura dupla ou simples, por vezes com um nicho ou cova lateral coberta de lajes ou tégulas romanas. Além disso, em todas elas se tinha utilizado o ritual de purificação judaico.

Onze anos mais tarde, pode-se dizer que esta descoberta mudou a vida de uma Lucena rica também noutros patrimónios, como o muçulmano ou o cristão.

Primeiro vieram os especialistas das confrarias de sepultadores judeus de Gibraltar para preparar os restos mortais e reenterrá-los em túmulos reforçados que agora aparecem com uma estrutura metálica que os protege da água, e na continuidade começou o desfile de turistas judeus de países como os Estados Unidos, Israel, Canadá ou Argentina, que já desde a sua infância conheciam a importância e até o nome de “Eliossana”. Todos eles estão a ativar a economia desta população de Lucena que, no século XII, contava com 2.500 judeus.

Descendo à cidade a partir deste campo sagrado afastado do centro urbano, vejo como no caso de Lucena, o património judaico está centralizado no coração da cidade, “la hondonada”. Passo pela Igreja de Nuestra Señora del Carmen, com uma bonita fonte, para entrar no bairro de la Barrera e atravessando a praça, fixo a minha atenção num simples cabeleireiro gerido por Fran Carrasco, visita obrigatória não só para cortar o cabelo mas também para descobrir o mundo sefardita.

“

*Em 2006, esta jazida judaica foi descoberta, a maior das escavadas na Europa, pois foram encontrados neste local afastado do centro histórico quase 400 túmulos, 216 dos quais continham importantes restos humanos do período andaluz medieval entre 1000 e 1050, o período de maior esplendor da Lucena judaica.*

”

Este cidadão de Lucena interessou-se pela cultura judaica quando cumpriu o serviço militar em Melilla e agora é um “livro aberto” que todos visitam na sua loja onde vende vinho e azeite kosher, bem como alguns objetos clássicos da liturgia hebraica. Fran vende sobretudo as jarras de duas asas “netilat” para purificação da água e do vinho kosher, embora também se possa comprar uma “menorá” trazida de Israel por 60 euros. “Ganho a vida a cortar o cabelo a todos”, - conclui Fran -, mas gostaria que compreendessem porque é que Lucena foi a pérola de Sefarad”.

Mario Flores, um grande especialista no mundo sefardita, ajuda-me a compreender um pouco melhor essa importância de Lucena para os judeus, que ele situa entre os séculos XI e XIII, um período em que a cidade cunhou a sua própria moeda, criou o seu próprio exército e converteu-se num oásis de privilégio para os seus habitantes dentro das muralhas com a aprovação do Reino de Granada.

“Lucena teve uma escola médica tão avançada que os eruditos da Babilónia já consultavam os rabinos da cidade - diz Mario - e havia mesmo uma ‘síndrome’ para os judeus que entravam numa espécie de transe místico quando chegavam às suas muralhas.” Tento imaginar como seria esse sentimento quando entro na judiaria de Lucena pela Igreja de Santiago e me falam de uma lenda que afirma que existe uma passagem secreta desde uma coluna com uma única parra do interior que liga o templo ao Sacrário da Igreja de San Mateo, o local de sepultamento de Noé, o sobrevivente bíblico do dilúvio universal.

“

*Lucena teve uma escola médica tão avançada que os eruditos da Babilónia já consultavam os rabinos da cidade.*

”

Ainda mais intrigado, atravesso o centro pela Rua Flores, famosa na localidade pelo seu monumento ao Santero com o rosto descoberto (a Semana Santa de Lucena é outra das grandes atrações da cidade) e pela sua biblioteca, onde pode conhecer, curiosamente, todos os detalhes da rota das tapas, outro clássico de Lucena, com 40 bares e 40 lojas organizadas para o efeito.

Uns metros depois, apenas, atravessando o espaço da antiga Porta de Granada, os meus pés pisam a Plaza Nueva, aberta nas suas entranhas pela construção de um enorme parque de estacionamento, e deparo-me com a bela fachada do cenário dessa lenda mágica sobre Noé: a Igreja de San Mateo, o único recinto sacro no interior da medina que foi mesquita no período do domínio almóada depois de ter cumprido as funções de sinagoga. O interior do templo é espetacular, mas eu quero encontrar a capela del Rosario. Finalmente, quando a vejo diante dos meus olhos, à direita do templo, penso que poderia ser um lugar perfeito para essa tumba misteriosa. Pelo menos fico perplexo perante a beleza esmagadora deste exemplo espetacular do barroco cordovês.

Se falarmos das delícias culinárias de Lucena, temos de falar da doçaria Cañadas, a única que fabrica artesanalmente pastelaria sefardita desde 1913. Antonio Baena e a sua esposa María Dolores oferecem na sua loja na Calle El Peso, número 13, alguns “pecados gastronómicos” - como Los besitos de Nuez ou as estrelas de David - que não podem ser recusados. Também não se pode ignorar “Tres Culturas” em Herrerías, s/n, um restaurante com pratos sefarditas e muito bom vinho da região. O timbale de rabo de boi ao estilo sefardita, as beringelas aos palitos fritas com mel de cana, o bolo lucentino (almondega de carne e presunto) ou o salmorejo, dentro de uma ementa ampla, só podem fazer crescer água na boca...

A lista de visitas nesta Lucena judaica - aqui não existe aljama ou bairro judeu como noutras localidades - é extensa, pois nesta zona se estenderam casas, sinagogas e uma escola Talmúdica muito importante que, de alguma forma, é agora complementada em pleno século XXI pelo único coro de música sefardita dirigido por Antonio Rodríguez. A não perder no passeio são o Palácio de Santa Ana, que organiza jantares sensoriais às cegas de duas horas; a Igreja de San Pedro Mártir de Verona e a Capela de Nuestro Padre Jesús Nazareno, com uma imagem impactante de Jesus Cristo, ou o Castelo del Moral, pois foi nestes muros que Boabdil, o último caudilho do reino de Granada, foi preso e encarcerado na Torre de Menagem, antes de ser apresentado perante os Reis Católicos para render o último fragmento do poder muçulmano aos soberanos de Castela.... Agora este lugar é o ponto de partida para uma “gincana” divertida e cheia de emoções para que os mais jovens se divirtam nesta Lucena repleta de surpresas nos seus lugares históricos...

Finalmente, vale a pena visitar o Santuário de Nuestra Señora de Araceli, a apenas 6 quilómetros da cidade, num antigo promontório mouro do qual se podem ver as terras de cinco províncias andaluzas, antes de procurar descanso no Hotel Santo Domingo, um antigo Convento da Ordem dos Mínimos e agora um confortável hotel de quatro estrelas situado no velho coração de Lucena.





## CÓRDOBA

Uma moderna autoestrada liga Lucena com a capital Córdoba em apenas três quartos de hora. Uma cidade cujas origens se perdem no tempo da qual ninguém duvida da sua importância islâmica, mais difundida ao longo dos séculos.

A presença muçulmana em Córdoba perdurou cinco séculos, com um grandioso património artístico no seu legado que o justifica, mas coincidiu também com o florescimento da cultura judaica, visível no tempo de Abderraman III e do seu filho Alhakam II, dois califas que tiveram na sua corte um médico e conselheiro pessoal de origem judaica, nascido em Jaén: o já referido Hasday Ibn Shaprut. Este período de maior esplendor cultural alcançou o seu auge com o mandato do segundo califa que desenvolveu a terceira grande ampliação da Aljama, transportando toda a riqueza de Medina Azahara para a mesquita.

No século XI, Córdoba converteu-se no lugar mais importante para os judeus na Península Ibérica até que as tropas de Fernando III o Santo, conquistaram a cidade a 26 de junho de 1236. Foi então que se iniciou o repovoamento cristão de Córdoba, concentrando-se nos subúrbios muçulmanos, principalmente na zona de Ajerquía. Com Fernando III, foram projetadas catorze igrejas, sete na medina, denominada de vila a partir desse momento, e sete em Ajerquía que foram chamadas igrejas Fernandinas em honra do rei.

Essa judiaria, então chamada Santa María em honra da igreja catedral, já se tinha tornado num cenário muito animado que assistia aos movimentos de todo o tipo de povos que se acercavam de Córdoba numa época em que as fronteiras eram praticamente inexistentes. Segundo alguns historiadores, este movimento fez com que a cidade atingisse o milhão de habitantes durante o apogeu do Califado Omíada, e que em 1523, após a expulsão dos judeus, fosse reduzida a uns escassos 25.000 habitantes. Córdoba tinha-se esvaziado depois de se ter convertido numa das maiores cidades do mundo e um centro financeiro, cultural, artístico e comercial de alto nível.

“

*Observo como na Sala de Oração existem inscrições hebraicas e muçulmanas, que têm sobrevivido ao tempo.*

”

Felizmente, o bairro da judiaria de Córdoba não foi vítima dos planos de desenvolvimento urbano posteriores e aparece hoje, quinhentos anos depois, com o típico traçado islâmico com duas ruas transversais e um labirinto de ruas estreitas e becos sem saída ou adarves. Os seus limites estendem-se desde a Puerta de Almodóvar até à Mesquita-Catedral e ao Palácio Episcopal, o antigo alcácer andaluz, a área que atualmente concentra o maior número de turistas que visitam Córdoba.



“

*É erguida a estátua dedicada a Moises Ben Maimon, Maimónides, provavelmente a figura hebraica mais importante nascida na Península Ibérica, com a permissão de Hasday Ibn Shaprut. Nascido em Córdoba a 30 de março de 1135, era filho do rabino Maimon.*

”

Acompanhado pelo meu guia Juan Torres, entro no bairro pela Puerta de Almodóvar, conhecida originalmente como Puerta del Nogal ou de Badajoz e, aparentemente, a única que se conserva de quantas integraram as muralhas muçulmanas primitivas. À direita abre-se a rua Judíos, branca e muito estreita que corre como uma linha delgada pela trama urbana densa. No número 20 encontra-se a sinagoga, datada de 1315 e construída em estilo mudéjar durante o reinado de Alfonso VI, como agradecimento deste último aos judeus pela sua colaboração na vitória da Batalha del Salado. Observo como na Sala de Oração existem inscrições hebraicas e muçulmanas, que foram sobrevivendo ao tempo até que o capelão Mariano Párraga encontrasse o reboco original em 1884, e vejo também que as escadas que conduzem à galeria das mulheres no piso superior estão encerradas.

A razão do seu encerramento não me é clarificada, mas sou informado de que o monumento terá um novo museu sobre a sinagoga no edifício anexo dentro de alguns meses. Pelo menos, é uma notícia antecipada. Continuando por Judíos, à esquerda encontra-se outro beco sinuoso que leva ao soco, um lugar onde outrora circulavam comerciantes e mercadores e onde proliferavam alguns ofícios artesanais; hoje oferece algumas lojas à semelhança de um mercado.

Volto à via principal porque a praça de Tiberiades, a poucos metros do soco, é uma paragem obrigatória no bairro. Nesta pequena praça ergue-se a estátua dedicada a Moises Ben Maimon, Maimónides, provavelmente a figura hebraica mais importante nascida na Península Ibérica, com a permissão de Hasday Ibn Shaprut. Nascido em Córdoba a 30 de março de 1135, era filho do rabino Maimon, com quem se iniciou nos estudos da Torá. Maimónides aprenderia mais tarde matemática, física, astronomia e filosofia até que teve de fugir para Fez, Palestina e finalmente Egipto, devido ao fim da tolerância religiosa causada pela chegada dos almóadas a Córdoba.

A praça seguinte no meu itinerário tem o nome do próprio Maimónides e os estudiosos asseguram que aqui esteve a casa do eminente pensador e autor de “O Guia dos Perplexos” mesmo no local onde agora se encontra o Museu da Tauromaquia. Um pouco mais adiante, na direção de Las Casas de La Judería, encontra-se a Casa Mazal, restaurante sefardita encantador, situado numa antiga casa judaica com um poço do século IX. Jesús Guerrero gere este restaurante que tenta reinventar a cozinha do século XV com produtos de excelente qualidade e especiarias naturais.

É tempo de fazer o check-in no Las Casas de La Judería, um encantador hotel de quatro estrelas em plena judiaria, composto por cinco casas com os seus pátios correspondentes e uma pequena piscina onde se pode escutar o som mágico da água nas suas bicas, e a 200 metros da Mesquita-Catedral de Córdoba. Esta última permanece, como monumento único no mundo, a grande atração turística da cidade, agora com uma variante original e altamente recomendada: a sua visita noturna.

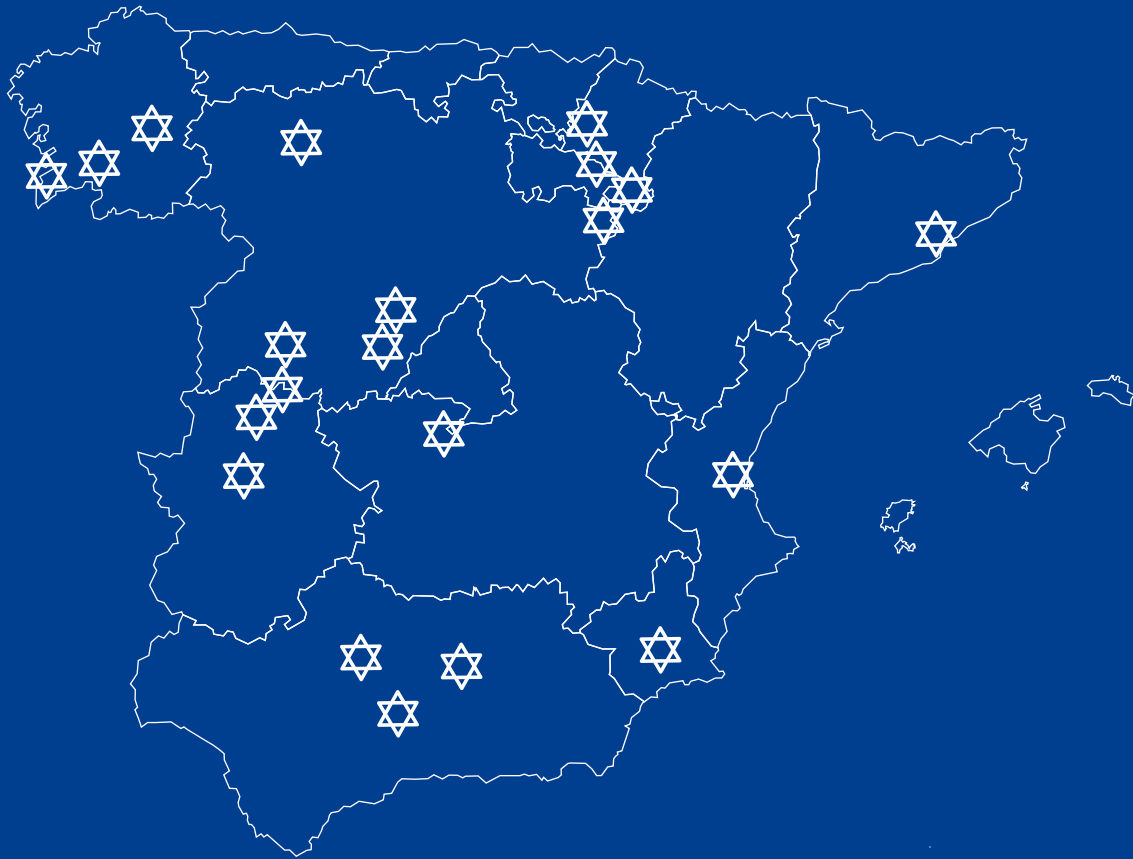
“

*Os três pilares do percurso não são os únicos que se podem encontrar nesta bela região do sul de Espanha. De facto, há dezenas de povoações que mantêm viva essa marca da presença dos hebreus que souberam conviver em harmonia com romanos, visigodos, muçulmanos e cristãos.*

”







ÁVILA . BARCELONA . BÉJAR . CÁCERES . CALAHORRA . CÓRDOBA .  
ESTELLA-LIZARRA . HERVÁS . JAÉN . LEÓN . LORCA . LUCENA . MONFORTE  
DE LEMOS . PLASENCIA . RIBADAVIA . SAGUNTO . SEGOVIA . TARAZONA .  
TOLEDO . TUDELA . TUI



CAMINHOS DE  
SEFARAD  
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

[redjuderias.org](http://redjuderias.org)  
[descubresefarad.com](http://descubresefarad.com)  
[descubridores@redjuderias.org](mailto:descubridores@redjuderias.org)

